

MARIANA PEIXOTO PIZANO

**Sílabas métricas em Terenciano Mauro,
De Syllabis, 997-1299**



ARARAQUARA – S.P.
2012

MARIANA PEIXOTO PIZANO

**Sílabas métricas em Terenciano Mauro,
De Syllabis, 997-1299**

Monografia de Conclusão de Curso (MCC)
apresentado ao Departamento de Linguística
e ao Conselho de Curso de Letras, da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo
Prado

ARARAQUARA – S.P.
2012

Pizano, Mariana Peixoto

Sílabas métricas em Terenciano Mauro, De Syllabis, 997-1299 /
Mariana Peixoto Pizano – 2012

40 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,

Campus de Araraquara

Orientador: João Batista Toledo Prado

1. Literatura latina. 2. Gramática latina. I. Título.

MARIANA PEIXOTO PIZANO

Sílabas métricas em Terenciano Mauro, *De Syllabis, 997-1299*

Monografia de Conclusão de Curso (MCC) apresentado ao Departamento de Linguística e ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado

Data da defesa/entrega: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado
Universidade Estadual Paulista

Membro Titular: Prof. Dr. Brunno Vinícius Gonçalves Vieira
Universidade Estadual Paulista

Membro Titular: Prof. Dr. Márcio Thamos
Universidade Estadual Paulista

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Àqueles que acreditaram em mim e, direta ou indiretamente, me ajudaram a realizar este sonho.

AGRADECIMENTOS

À minha família (meu pai Marcos, minha mãe Vera e minhas irmãs, Juliana e Fernanda) por todo o apoio e compreensão nos momentos em que estive ausente para realizar minhas atividades acadêmicas e por confiar que eu pudesse ir mais longe. Sem vocês a realização do sonho não seria tão especial! Essa conquista também é de vocês.

Ao meu namorado, Helder, que esteve comigo durante todo o curso, me ajudando nos momentos de desespero, compreendendo as ausências e as impaciências de fim de semestre e dividindo comigo a alegrias das vitórias alcançadas ao longo desse percurso. Palavras não são suficientes para agradecer todo o carinho. Te amo!

Às minhas amigas de Rio Claro (Aline, Bruna, Letícia, Mariana...) que mesmo não estando presente no dia-a-dia, fizeram-se importantes em cada etapa da realização desse sonho.

Aos professores, que me ensinaram não só conteúdos, mas atitudes e valores que levarei sempre comigo. Em especial aos professores de latim, Brunno, João Batista e Márcio, que sempre demonstraram muito respeito e dedicação ao ensino da Língua e Cultura latinas e são, de alguma forma, responsáveis pela opção que fiz em me tornar latinista. Nessa casa, aprendi que nem sempre o que se ensina dentro da sala de aula é o mais importante: às vezes uma palavra dita num ambiente mais informal tem maiores consequências.

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Batista Toledo Prado, pelo auxílio e incentivo determinantes para os resultados desta pesquisa. Também meus sinceros agradecimentos aos milhares de *e-mails* cheios de dúvidas respondidos a qualquer hora do dia – ou da noite.

Aos meus colegas de sala, que fizeram, cada um à sua maneira, com que o curso fosse especial.

Às minhas amigas da pequena – mas muito querida - turma de Latim, Lívia e Carol, que resistiram bravamente até o último ano! Talvez os Cíceros, os Césares e as atividades de gramática não deixem saudades, mas a companhia deixará, com certeza!

Às também latinistas Joana, Débora e Thalita que fizeram os eventos e as viagens acadêmicas passarem de compromisso à diversão!

Às minhas queridas amigas Camila, Vivian e Juliana pelo infinito carinho que tiveram comigo ao longo desses 4 anos, pelos incontáveis trabalhos em grupo, pelas horas e horas de conversas e gargalhadas, pelo ombro amigo nas horas de dificuldade... Vocês

são muito importantes e serão lembradas sempre com muito carinho! Sou muito grata por tê-las encontrado nesta minha caminhada.

Às queridas Maria Teresa, Isabela, Natália, Marina, Rosana, Luiza, Danielle, Fernanda e tantos outros que certamente ficaram de fora, os meus mais sinceros agradecimentos por caminharem comigo durante a graduação.

Ao CNPq, pelo apoio concedido ao trabalho de Iniciação Científica que serviu de sustentáculo para o desenvolvimento desta Monografia.

“Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?”

Carlos Drummond de Andrade (2008, p. 25-6).

RESUMO

Este trabalho dedica-se ao estudo de noções e conceitos referentes à métrica latina contidos no volume VI da obra de Heinrich Keil, intitulado *Grammatici Latini (GL): Scriptorum Artis Metricae*. O autor escolhido foi Terenciano Mauro e o cópulo analisado compreende o intervalo de versos 997 a 1299 do *De Syllabis*, contido em *Terentianus De Litteris, De Syllabis, De metris*. A obra consiste em um manual de métrica escrito em versos. Até o presente momento existem somente três traduções deste material em línguas modernas: duas em italiano (uma delas utilizada para cotejo das traduções realizadas nesta pesquisa) e uma versão francesa. O trabalho também conta com diversas notas de referência sempre que Terenciano Mauro faz uso de passagens de outros autores antigos para demonstrar suas explicações. O material escolhido para análise pretende juntar-se a outros manuais de métrica latina que já tenham tradução ou ainda venham a ser traduzidos e analisados, bem como levar a perceber a importância e o peso específico do metro na poesia antiga.

Palavras-chave: Poética Clássica; Métrica Clássica Latina; Gramáticos Latinos; Tradução.

ABSTRACT

This monograph addresses to the study of Latin metrical notions and concepts as showed in the volume VI of Heinrich Keil's work, entitled *Grammatici Latini* (GL): *Scriptores Artis Metricae*. From that book, it was chosen Terentianus Maurus's work for corpus, particularly the excerpt between verses 997 and 1299 of *De Syllabis*, a part of Terentianus's *De Litteris, De Syllabis, De Metris*, which is a metric manual written in verses. Until now, there are only three translations of that text into modern languages: two in Italian (one of them was used for comparison with the translation prepared for this monograph) and a French one. That work still contains many reference notes whenever Terentianus Maurus uses ancient authors to demonstrate his explanations on Metrics. Thus this research intends to join in other analysis made on Latin metrical manuals that have already been translated or are still going to be, as well as to notice the importance and the specific value of meter in ancient poetry.

Key-Words: Classic Poetic; Classic Latin Metric; Latin Grammarians; Translation.

SUMÁRIO

I. Introdução e Justificativa:	12
II. Objetivos:	14
III. Metodologia:	14
IV. Resultados:	15
V. Conclusões:	37
VI. Referências:	39

I. Introdução e Justificativa:

O presente estudo está inserido em um Projeto mais abrangente que visa à tradução e estudo de textos de escritores antigos sobre a métrica clássica latina, com foco naqueles reunidos no volume VI da obra de Heinrich Keil, intitulado *Grammatici Latini (GL)*. Vol. 6: *Scriptores Artis Metricae*.

Como se trata de um estudo acerca da relevância da métrica clássica e sua função na constituição do sentido poético, faz-se necessário um esclarecimento a respeito de sua origem.

O estudo da métrica nasceu na Antiguidade clássica com o propósito de analisar e normatizar os expedientes próprios da poesia, o que acabou repercutindo também no campo da retórica. Na Antiguidade grega, considerando o período que se encerra com as criações de Homero, a poesia era produzida e reproduzida de forma oral, e a retórica (posterior à poesia), que tinha como característica principal o efeito obtido com a expressão oral dos discursos, dependia muito da prosódia da fala das línguas em que existiam, a saber, primeiramente o grego e, depois, o latim.

Sendo assim, criar recursos que fornecessem amparo ao uso mais eficiente da prosódia natural da língua nos discursos poético e retórico já era uma preocupação grega. Motivada por essa necessidade, a Antiguidade produziu normas para tirar maior proveito dos recursos sonoros da fala estruturada em verso.

Compreender esses recursos é tarefa desafiadora e, em certa medida, artificial, para os que pertencem à sociedade moderna e que pretendem estudá-los, dado que não há hoje nenhum registro da fala oral nem de gregos nem de romanos antigos, e as línguas modernas derivadas do latim não contam com sílabas longas e breves em seu aparato fonético-fonológico, responsáveis pelo movimento oscilatório natural daquelas duas línguas antigas.

Para conhecer as bases que nortearam a produção poética latina é preciso compreender conceitos, terminologia e pontos de vistas contidos nos manuais métricos que os normatizaram. Esses compêndios são fruto do gênero *manual técnico* (de gramática, retórica, métrica) e trazem consigo uma gama de dados que, tendo sido escritos nos últimos séculos antes da Era Cristã ou nos primeiros séculos dela, traduzem com muita propriedade o que significava, para um romano, um verso, o pé métrico, as sílabas longas ou breves.

“*Scripta Latina de Re Metrica* - Tradução de fontes primárias” é o que se poderia chamar de “Projeto-Base”, a partir do qual são desenvolvidos outros Subprojetos com o mesmo propósito de analisar a importância da métrica em textos de autores latinos, segundo os manuais contidos na obra de Keil anteriormente citada.

Em sua primeira fase, nomeada “*Scripta Latina de Re Metrica* - Tradução de fontes primárias I”, o trabalho se ocupou da primeira parte do Volume 6 - *Scriptores Artis Metricae* – e abrangeu traduções de Mário Vitorino (*Marii Victorini Artis Grammaticae Libri III* ou *Os três livros da arte ou técnica gramatical de Mário Vitorino*).

O projeto sobre o qual se discorre nesta Monografia de Conclusão de Curso é aquele que inaugurou uma segunda etapa do “Projeto-Base”, que foi denominada “*Scripta Latina de Re Metrica* - Tradução de fontes primárias – II”. O corpus também é retirado da já mencionada obra de Keil e tem seu recorte extraído de *Terentianus de litteris, de syllabis, de metris* (GL 6, p. 325-413).

Nessa etapa da pesquisa estudou-se um intervalo de versos compreendido na parte da obra indicada pelo intervalo de páginas. O trecho escolhido para o trabalho reúne os versos 997-1299 do *De syllabis*, que descreve as particularidades prosódicas de sílabas e pés em domínio métrico.

É importante ressaltar que o manual de Terenciano Mauro tem a particularidade de ter sido composto em versos, embora esta Monografia não se tenha ocupado, neste momento, dessa dimensão da obra do gramático latino, até porque, provavelmente, ela atendesse a razões antes mnemônicas que expressivas.

Até o momento, há somente três versões do texto publicadas em línguas modernas, a saber: duas edições italianas (uma lançada em 2011 e outra publicada em 2002, contendo uma introdução explicativa, um texto crítico e a tradução dos versos de Terenciano Mauro, a qual tem servido ao cotejo com a tradução que se vai paulatinamente produzindo) e uma versão em língua francesa (lançada também em 2012).

Ainda no âmbito da apresentação deste projeto, faz-se necessário dizer que ele é fruto de um trabalho de Iniciação Científica que recebeu apoio financeiro do Conselho Nacional para Pesquisa (CNPq).

II. Objetivos:

Geral: Oferecer àqueles que se interessam pela língua latina e textos elaborados por autores autênticos, a única tradução em vernáculo português, até onde se teve conhecimento, de um repertório de composições antigas que versam sobre Poética e Métrica Clássicas latinas.

Específico: Traduzir os versos 997 – 1299 do texto *De syllabis* de Terenciano Mauro, contido em *Terentianus de litteris, de syllabis, de metris* (GL 6, 325-413).

O trecho citado trata de particularidades prosódicas de sílabas, consideradas nos domínios da Poética e da Métrica clássicas latinas, e sua tradução vem somar-se a outros textos que se dedicam a essa temática.

O material resultante da pesquisa deverá coadunar-se às outras traduções que compõem o projeto “*Scripta Latina de Re Metrica* - Tradução de fontes primárias” para formar um banco de dados e colaborar com estudos e reflexões acerca das doutrinas métricas dos antigos gramáticos latinos, sua evolução, suas definições, conceitos, métodos e objetos privilegiados.

III. Metodologia:

A metodologia compôs-se basicamente de três passos:

1) Primeiramente, fez-se um trabalho de comparação de uma versão digital do texto com outra versão impressa para eliminar eventuais erros e corrigi-los.

2) Num segundo momento, a pesquisadora procurou familiarizar-se com conceitos relativos à métrica latina. Para isto, foram utilizados manuais métricos que explicam os conceitos e nomenclatura específicos dessa área.

Nessa fase do desenvolvimento do projeto, também se procurou conhecer outros autores que se dedicaram a escrever sobre a métrica latina, com base no trabalho de pesquisa desenvolvido pelo orientador deste trabalho, a partir, sobretudo, de sua tese de doutoramento (PRADO, 1997), a qual tem por tema central a influência da métrica no plano da expressão poética.

3) O terceiro e último momento da pesquisa voltou-se ao agrupamento dos dados obtidos e à elaboração do relatório final.

Para auxiliar no trabalho de busca pelas referências aos versos de poetas clássicos latinos citados no texto de Terenciano Mauro, foi necessário empreender consulta ao banco de dados PHI 5.3 e ao programa MUSAIOS. Tais ferramentas permitem localizar em que obra e/ou autor latino determinado verso se encontra.

A fim de que se possa formular ideia acerca da dinâmica dessa parte da pesquisa, pode-se assinalar que, por exemplo, foi encontrada, no verso 1188, a seguinte passagem:

‘ante tibi eoae Atlantides abscondantur’

A busca por palavras que correspondessem àquelas do texto acima permitiu descobrir que aparecem 11 ocorrências listadas pelo programa MUSAIOS e que contêm o verbo ‘*abscondantur*’: 3 delas são frases construídas com a forma verbal relatada e as outras 8 são construções que fazem menção ao verso acima. Dentre elas, está a própria referência ao texto de Terenciano. Como se vê, foi necessário desenvolver certo tipo de discernimento bem como um conhecimento razoável sobre os grandes escritores antigos para reconhecer qual, de fato, fosse a citação “original” compulsada por Terenciano Mauro. No caso do trecho citado, por exemplo, trata-se de um verso retirado do livro I das *Geórgicas*, de Virgílio, v. 221.

IV. Resultados:

A pesquisa está voltada para o estudo de um trecho do texto do gênero *manual técnico* escrito por Terenciano Mauro, sobre o qual foi preparada uma tradução de estudo.

É importante sublinhar o que se pretende com uma tradução de estudo ou de serviço: esse tipo peculiar de tradução não tem comprometimento com a forma estética do texto, ou seja, não se detém no caráter estilístico de sua composição, nesse caso, em versos. Só lhe interessa a correta compreensão de seu conteúdo, bem como um possível e eventual cotejo da forma portuguesa com a forma da frase latina, até onde isso é possível, naturalmente.

Destarte, o resultado final será constituído por um texto que, na medida do possível, tentará criar uma correspondência com o original, sem, embora, deter-se em

procurar recriar efeitos, como, por exemplo, a métrica regular dos livros de Terenciano Mauro.

Posteriormente, esse material unir-se-á a outros que versam sobre a métrica latina e que já tiverem sido traduzidos para o vernáculo português.

É conveniente ressaltar que a *Métrica* que nos dispusemos a estudar diz respeito “ao conjunto de leis reguladoras do verso” e não à *métrica* “intrínseca ao verso, que se percebe diretamente na leitura dos poemas antigos, responsável por sua cadência rítmica” (PRADO, p. 82): esta é pensada pelo autor no momento da criação do texto e fica responsável pela cadência interna da obra (ritmo), enquanto aquela é parte de uma análise posterior ao surgimento da obra e dispõe sobre as possibilidades da diversidade dos metros.

Também Otávio Paz, em seu livro *O arco e a lira*, define de modo muito claro em que consiste o *ritmo* e *métrica*:

[...] Metro e ritmo não são a mesma coisa. [...] O ritmo é inseparável da frase, não é composto só de palavras soltas nem é só medida e quantidade silábica, acentos e pausas: é imagem e sentido. Ritmo, imagem e significado apresentam-se simultaneamente numa unidade indivisível e compacta: a frase poética, o verso. O metro, pelo contrário, é medida abstrata e independente da imagem. A única exigência do metro é que cada verso tenha as sílabas e os acentos requeridos. [...] Pode-se inclusive prescindir da palavra; basta uma fileira de sílabas ou letras.¹

Não seria necessário comentar o trecho acima, pela clareza da asserção, mas, para reforçar a distinção ali sugerida, pode-se acrescentar que se consegue o *ritmo* desejado por meio do arranjo das palavras escolhidas, de modo que é a sucessão de sons particulares, quais sejam os que compõem vocábulos que entabulam sentido frasal, o elemento que formará a cadência do verso ou do texto como um todo. De forma contrária, o metro se satisfaz pela sequência de partes “marcadas” e “não-marcadas” (p. ex., sílabas tônicas das línguas neolatinas, por oposição às sílabas átonas), e, a rigor, tal dado não requer que elas façam parte de uma palavra real, nem que signifique algo para quem lê: a necessidade está em preencher as exigências daquele tipo de verso, de um ponto de vista estritamente rítmico. Entretanto, o fato de que o ritmo do verso se construa com uma matéria plástica que é a língua materna terá, como consequência, o surgimento da expressividade poética, em que os traços do significado e do sentido se

¹ PAZ, 1982, p. 84-5.

associam aos das sequências de significantes, ambos potencializados pelas unidades rítmicas, que permitirão adensamentos das relações entre ambos os planos.

O conjunto de obras que se destacou para estudo (com base no prestígio histórico), na tese de Prado (parte A, item II: Problemas da Métrica Tradicional), traz como assunto importante dos manuais métricos a necessidade de se explicarem as nomenclaturas específicas dessa área do saber, visto que a tradição os consagrou e, portanto, deve-se ter conhecimento desses tecnicismos para adentrar o universo da métrica.

A crítica feita por Prado não é voltada às explicações fornecidas pelos manuais métricos contemporâneos – já que se provaram necessárias para os interessados pela temática – mas à postura da maioria dos autores em relação à nomenclatura e aos tecnicismos que, em vez de se utilizarem deles como parte de seu trabalho, transformam-nos em essência de fazerem deles parte de seu trabalho, essência, ou seja, limitam-se à descrição de termos técnicos, como se isso bastasse à compreensão do assunto *Métrica*.

O italiano Lenchantin de Gubernatis, que escreveu o *Manuale di prosodia e metrica latina*, é um dos que desenvolve sua obra em torno do esclarecimento de termos constituintes da matéria métrica, tais como *pé*, *longa*, *breve* e caracterização dos pés: *troqueu*, *dátilo*, *espondeu*, *jambo* (ou *iambo*) entre outros, sem entretanto, estudar-lhes a função poético-expressiva. Atente-se também para o fato de que o autor chega a dizer que “*Il nome [métrica] n’indica bene la natura*”², mas frustra o leitor na expectativa de uma nova terminologia ou até mesmo de mostrar por que o nome *métrica* deveria definir exatamente o que seja aquela matéria.

Outro autor de manuais de métrica latina, presente na crítica empreendida pela tese de Prado, é William Ross Hardie, com seu *Res metrica*. Diferentemente dos outros, Hardie acredita que não se deve ter preocupação em definir o conceito de Métrica, porque noções como ritmo e metro vão sendo internalizadas pelo estudante na medida em que ele estiver em contato frequente e contínuo com a poesia:

The method of the book will be thought unscientific, but it seemed best to avoid any attempt at deductive, exhaustive, and systematic exposition. To begin with what is highly abstract and general – as with definitions of Rhythm and Metre – is to run a risk of being involved at once in what is disputable and speculative, or what can scarcely be

² GUBERNATIS *apud* PRADO, 1997, p.49

clear and significant to the reader until he has already become familiar with numerous particular facts. [...] It is hoped that some general notions of rhythm and metre will gradually become clear to the reader as he proceeds, and a glossary of metrical terms has been appended in order to enable him to ascertain an idea which he gathers from the text of the book was meant to underlie it or not³.

Vista por esse viés, a Métrica poderia ser definida como um exercício poético cuja aplicação e alcance só se percebem em decorrência da relação constante que se estabelece com ela.

A fim de entender como tais conceitos são relevantes para nossa pesquisa, pode-se passar a abordar a obra de Terenciano bem como o corpus selecionado e suas definições e exposições próprias.

A peculiaridade do texto estudado está na forma como ele se compõe: em versos. Trata-se, portanto, de um texto de natureza algo metalinguística: à medida que o autor explica a função dos jogos sintáticos, fônicos e lexicais, também o faz em seu texto, o que, ao menos potencialmente, poderia comportar uma dimensão performativa do texto de Terenciano.

Terenciano Mauro viveu no século II d.C, portanto, posterior aos chamados séculos de Ouro e de Prata das criações literárias latinas, situados, em linhas gerais, entre o século I a. C e o primeiro século da Era Cristã. Como se verá mais adiante, Terenciano faz incluir trechos de obras de autores já consagrados para servirem de exemplo ao longo de seu tratado métrico.

Embora o autor tenha dito em seu prefácio do *De Syllabis* que escreveu outros gêneros antes de se dedicar ao tipo de trabalho de que se ocupa nossa pesquisa, não restou nenhum registro de tais composições.

Chiara Cignolo, na introdução da versão italiana do *Terentianus de litteris, de syllabis, de metris* (2002), faz referência às palavras do próprio Terenciano que, “para justificar e introduzir seu trabalho literário, compara-se a um atleta muitas vezes vencedor olímpico, que decide se retirar da competição antes de se tornar demasiado velho, para manter-se em forma praticando um exercício particular. De modo semelhante ao atleta, o autor diz ter se dedicado à poesia didática na velhice, *não sendo capaz de se dedicar a uma atividade literária de alto nível e com a intenção específica*

³ HARDIE *apud* PRADO, 1997, p. 65

*de manter viva a própria capacidade poética*⁴ (grifos nossos). Tomando-se essa afirmação, pode-se concluir que, para Terenciano, escrever um tratado de métrica não era considerado um grande feito, mas somente uma forma de não abandonar, definitivamente, a literatura.

Em relação ao título da obra, existem variações: a primeira edição da obra intitulou-se *TERENTIANUS DE LITTERIS, SYLLABIS ET METRIS HORATII* (“Terenciano Sobre as Letras, as Sílabas e os Metros de Horácio”), e estava apoiada no que pode ser considerado uma espécie de “segundo título” (ou subtítulo), a partir do verso 85 – depois do prefácio, *TERENTIANI MAURI PRAEFATIO - TERENTIANI MAURI DE LITERRIS SYLLABIS ET METRIS AD FILIUM ET GENERUM LIBER* (“Prefácio de Terenciano Mauro - Livro de Terenciano Mauro a seu Filho e Genro Sobre as Letras, as Sílabas e os Metros”).

A obra também pode ser encontrada por menções a outros títulos, variando de acordo com quem estabeleceu o texto e/ou a editou : *TERENTIANUS MAURUS DE LITERRIS, SYLLABIS ET METRIS OMNIS GENERIS* - “Terenciano Mauro sobre as Letras, as Sílabas e Metros de todo tipo” (Raffaele Maffei da Volterra); *TERENTIANUS MAURUS DE LITERRIS, SYLLABIS ET METRIS CUIUSCUMQUE GENERIS* - “Terenciano Mauro: Sobre as Letras, as Sílabas e Metros de todo o tipo” (Merula); *TERENTIANUS MAURUS OPUS VARIUM ET EXCULTUM DE PRONUNTIATIONE LITTERARUM, DE QUALITATE METRORUM ET PERMUTATIONE VARIO VERSO* - “Terenciano Mauro: obra vária e bem acabada sobre a pronúncia das letras, a natureza dos metros e sua permuta em diversos tipos de verso” (Jacob Aurelius von Questenberg) e *TERENTIANUS MAURUS DE SYLLABIS* - “Terenciano Mauro: Sobre as Sílabas” (Giorgio Sommariva⁵).

Qual desses títulos foi aquele pensado pelo próprio autor não se pode dizer com segurança. O fato é que, com exceção daquele que se limita aos metros horacianos – que não fazem parte do atual corpus de análise – todos os outros títulos são coerentes com o

⁴ “[...]per giustificare e introdurre il suo lavoro letterario, T(erenciano). si paragona a un atleta più volte vincitore olimpico, che decide di ritirarsi dalle competizioni, prima di diventare troppo vecchio, e di mantenersi in allenamento praticando un particolare esercizio. In modo simile all’atleta, T. dice di essersi dedicato in vecchiaia alla poesia didascalica (v. 55 *angustam studii viam*), non essendo più in grado di sostenere un’attività letteraria di più alto livello (v. 53 s. *maturum ingenium negat, nec spirant animas fibrae*) e col preciso intento di mantenere viva la propria capacità poetica”.(CIGNOLO, 2002, p. 28)

⁵ CIGNOLO, C., 2002, p. 30.

assunto integral da obra, se a tomarmos como uma composição única e não dividida em três volumes (*De Litteris, De Syllabis, De Metris*).

Na edição italiana, também se encontra um esquema de composição de toda a obra de Terenciano Mauro, dividido em quatro partes, a saber: A) *Praefatio*, B) *De Litteris*, C) *De Syllabis*, D) *De Metris*.

Destacaremos⁶ somente o esquema que concerne aos versos trabalhados nesta pesquisa, ou seja, v. 997 – 1299, para elencar os assuntos abordados⁷:

C) *De Syllabis*

IV: Particularidade Prosódica (997 – 1281):

- premissa (997 - 1018)

- regras gerais (1019 - 1032): duas consoantes produzem sempre alongamento

- casos particulares (1033 - 1127):

trochaeus nudus – “troqueu simples” (troqueu em vogal aberta, coincidente com fim de palavra): sua última sílaba afeta duas consoantes do início da palavra seguinte se a primeira delas é S (1034 - 1106)

dactylus nudus – “dátilo simples” (dátilo em vogal final aberta, coincidente com fim de palavra): sua última sílaba afeta duas consoantes do início da palavra seguinte se a primeira delas é S (1107- 1127)

- dificuldade de construir um espondeu a partir de um *trochaeus nudus* – “troqueu simples” (1128 - 1178)

- resumo dos casos em que não se verifica o alongamento (1179 - 1200)

- *uis udarum* – “a força das líquidas” (1201 - 1281)

líquidas dependentes geralmente não produzem alongamento (1201 - 1207)

líquidas geminadas produzem alongamento (1208 - 1227)

diferença de comportamento entre L, R e M, N (1228 - 1246)

líquidas dependentes às vezes podem produzir alongamento (1247 - 1257), com duas mudas ou dupla, se for no interior da palavra (1258 – 1281)

⁶ Convém ressaltar que as traduções de trechos retirados da obra em italiano são feitas pela autora da pesquisa, a menos que se indique o contrário.

⁷ CIGNOLO, 2002, p. 33 e 34.

V. Despedida ou peroração (1282 – 1299)

Com o verso 1299, que encerra o *córpus* desta pesquisa, também se finaliza a passagem do *De Litteris*.

A seguir, far-se-á a apresentação de uma parte do material traduzido no projeto *Scripta Latina de Re Metrica* – Tradução de fontes primárias II. Vale lembrar que as traduções que aqui serão citadas fazem parte do material obtido como produto final da pesquisa e, assim como já se disse no começo deste item, trata-se de uma tradução sem compromisso com a versificação do texto original e que, portanto, não pretende recriar tal forma em vernáculo.

Por uma questão didática, será utilizado um roteiro que deriva do esquema pensado pela tradutora italiana, Chiara Cignolo, dessa forma serão mostrados exemplos das partes mais significativas de cada tópico por ela nomeado, de acordo com o assunto de que trata cada um:

• PREMISSA:

Logo nos primeiros versos da parte que compõe o que se chamou de Premissa, Terenciano adianta que é de grande valia retirar exemplos de obras produzidas por grandes escritores:

TEXTO ORIGINAL (v. 999 – 1003):

999 *Sed quoniam exemplis heroi carminis uti
res monet, ut pedibus sistat sua regula iustis,
seu uitium incessit, metri ratione probemus,
aptius est nobis simili decurrere norma,
discolor alternos referat ne pagina uersus.*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

999 Mas, porque o tema [da obra] aconselha usar exemplos

da poesia épica, de modo que sua regra consista em pés ajustados ou, se ocorre uma imperfeição, que a reconheçamos pela licença do metro, o mais adequado para nós é prosseguir com semelhante modelo, para que uma página não reproduza, distoante, versos diferentes.

Por tratar-se de um manual, isto é, um livro de instruções sobre a métrica latina, o rétor escolhe os poetas canônicos da Roma Antiga para examinar em sua obra, e, se eles são tratados assim, é por terem construído poemas de grande importância, porque seus versos obedecem à regra ditada pelos metros e, se o não fazem, é possível notar a “imperfeição” pela “lei do metro”, como disse o próprio Terenciano.

Nosso autor diz que, de acordo com o tema do trabalho empreendido em seu manual, é aconselhável “usar exemplos da poesia épica” (v.999). Nesse gênero, convencionou-se usar o hexâmetro como verso por excelência⁸. É ele o preferido de Virgílio (*Bucólicas*, *Geórgica* e *Eneida*), Horácio (*nas Epístolas e nas Sátiras*), Ovídio (*Metamorfoses*), entre outros. No dicionário SARAIVA, é de Terenciano Mauro que provém a definição do vocábulo:

Hexameter ou *Hexametrus*, -i: adj.m. T.MAUR. Que tem seis pés, hexâmetro.

Veja-se, a seguir, como o manual de métrica de Federico Crusius, *Iniciación en la métrica latina*, define a maneira como ele é composto e quais são as suas variações possíveis⁹:

O hexâmetro datílico compõe-se de cinco dátilos e, em sexto lugar, apresenta um espondeu ou um troqueu. É, portanto, um verso catalético¹⁰. Em todos os pés o dátilo pode ser substituído por um espondeu.

Antes de demonstrar o esquema do verso hexamétrico, esclareceremos os tipos de pés acima citados: dátilo, espondeu e troqueu, respectivamente, de acordo com as definições e os exemplos de Crusius, a saber: o dátilo compõe-se de uma sílaba longa

⁸ *Res gestae regumque ducumque et tristia bella/ quo scribi possent numero, monstravit Homero*. “Em que metro se podem descrever os feitos dos reis, dos chefes, as tristes guerras, já o demonstrou Homero”. (HORÁCIO, 1984, p. 64-5).

⁹ O trecho aqui apresentado do texto de CRUSIUS, 1951, p.55 é uma tradução feita pela própria pesquisadora.

¹⁰ Verso catalético: diz-se do verso que termina com um pé faltante.

seguida de duas breves $\bar{\sim}\sim$ (por exemplo: *lītōrǎ*), o espondeu é a sequência de duas longas $\bar{\bar{}}$ (por exemplo: *cōgō*) e, por fim, o troqueu é o pé formado por uma sílaba longa seguida de uma breve $\bar{\sim}$ (por exemplo: *ārmǎ*).

A partir desses metros temos os seguintes esquemas de substituições possíveis:

$\bar{\bar{}} \quad | \quad \bar{\sim}\sim \quad | \quad \bar{\bar{}} \quad | \quad \bar{\bar{}} \quad | \quad \bar{\sim}\sim \quad | \quad \bar{\bar{}}$
 1 2 3 4 5 6

ou

$\bar{\sim}\sim \quad | \quad \bar{\sim}\sim \quad | \quad \bar{\sim}\sim \quad | \quad \bar{\sim}\sim \quad | \quad \bar{\bar{}} \quad | \quad \bar{\sim}$
 1 2 3 4 5 6

Apliquemos esse esquema ao primeiro verso do épico de Virgílio, *Eneida*, que será citado mais adiante, no verso 1032 da obra de Terenciano (mas só o primeiro hemistíquo, ou seja, meio verso):

Ārmǎ uī|rūmqǔě cǎ|nō Trō|iǎē quī|prīmūs ā|b ōrīs

Mais adiante, o autor esclarece o objeto de sua pesquisa: análise dos metros que podem vir a gerar dúvidas ao leitor de versos antigos, isto é, com isso, ele elimina a possibilidade de ilustrar a composição dos versos a que ele chama “óbvios”:

TEXTO ORIGINAL (v. 1004 – 1007):

1004 *Spectandis pedibus quae sunt nimis obuia, mittam:
 natura longas quid enim tractare necesse est,
 aut facili positu et plana ratione patentēs,
 quae pueris etiam promptum est occurrere paruis?*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

1004 No exame dos pés, omitirei os que são excessivamente óbvios:
por que, de fato, seria necessário tratar das longas por natureza¹¹,
ou das que são evidentes pela colocação inequívoca e pela escansão uniforme?
Ou daquelas que claramente ocorrem até às crianças pequenas?

Ainda na *Premissa*, constata-se certo tom de diálogo com o leitor, quando, por exemplo, a voz textual se pergunta sobre a necessidade ou não de uma determinada explicação, tentando solucionar a dúvida daqueles que porventura se questionarem:

TEXTO ORIGINAL (v. 1005 – 1006):

1005 *natura longas quid enim tractare necesse est,
aut facili positu et plana ratione patentes?*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

1005 por que, de fato, seria necessário tratar das longas por natureza,
ou das que são evidentes pela colocação inequívoca e pela escansão clara?

Entendam-se sílabas *longas por natureza*, segundo o manual *Iniciación en la métrica latina*, de Federico Crusius, 1951, p. 13-14, aquelas que:

- 1) contém uma vogal longa por natureza, isto é, independente do contexto em que aparecerem, por exemplo, *rosā* (ablativo singular), em oposição a *rosā* (nominativo singular).
- 2) possuem um ditongo (*ae, oe, au, eu*).
- 3) sílabas que resultaram de uma contração de duas vogais: *nīl* (nihil), *cōgo* (coago).
- 4) provém de uma vogal originária de um ditongo (qualquer que seja ele): *inīquis* (vem de *aequus*), *occīdo* (vem de *cēdo*).

O mesmo manual também descreve as sílabas *longas por posição* ou ‘que são evidentes pela colocação inequívoca’ aquelas em que:

¹¹ Sílabas longas por natureza são aquelas que terão o dobro da duração de uma breve independentemente da posição em que aparecem num sintagma de verso.

a vogal breve é seguida por mais de uma consoante. ‘Neste caso, é indiferente se as consoantes que provocam o alongamento pertencem à mesma palavra ou se a segunda consoante está no começo de uma sílaba ou, às vezes, na palavra seguinte’. (CRUSIUS, 1951, p. 14).

É importante observar que a letra H não é considerada uma consoante e a sequência QV conta como uma só consoante. Sendo assim, o /ō/ que ficaria longo se antecederse uma consoante dupla, permanece breve, por exemplo, na palavra *Bellerōphon*, e o encontro *ēt homo* não faz alongar o /ē/. Da mesma forma, na palavra *āqua*, em que se suporia estender a duração da primeira vogal /ā/, isso não acontece.

- REGRAS GERAIS:

Insinuando novamente certo diálogo com o interlocutor, mas agora colocando-se no lugar do leitor, Terenciano sente necessidade de deixar mais claras algumas passagens, a fim de que se façam entender as explicações que fornece, sem deixar margem à dúvida:

TEXTO ORIGINAL (v. 1023):

1023 *Exemplis manifesta magis reddenda uidentur.*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

1023 Parece que se devam tornar [tais casos] mais evidentes com exemplos

Outra passagem do tratado métrico a ser ressaltada é a do verso 1012 e seus entornos, na qual o autor faz uso da palavra *uersificatorem*, para diferenciá-lo de *poeta*, que, por sua vez, também é distinto de *uates*.

TEXTO ORIGINAL (v. 1011 – 1014):

1011 *e breuibus quotiens longae redduntur, oportet
uersificatorem, quid littera quaeque ministret,
dispicere atque aptas natura iungere secum,*

uel discordantes mutatis uincere uerbis.

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

1011 Todas as vezes que de [sílabas] breves produzem-se longas, convém que o **versificador** distinga qual [efeito] cada letra¹² fornece, e que junte com essas as que são adequadas por natureza ou que reconsidere as que não combinam uma vez alteradas as palavras.

Pode-se explicitar isso ainda mais claramente com as definições de tais termos, conforme constam de um dicionário da língua-alvo, o *Novissimo diccionario latino-portuguez* (SARAIVA, 2000). Nesse texto, deliberou-se anotar os vocábulos da forma como convencionou-se fazer nos dicionários de uso da língua latina, ou seja, os termos aparecem com as entradas no nominativo singular: *uersificator*¹³, *poeta*¹⁴ e *uates*¹⁵:

VERSIFICATOR, -ORIS: s.m.: (de *uersificare*). QUINT¹⁶. O que faz versos, versificador. § JUST¹⁷. Poeta.

POETA, -AE: s.m.: CIC¹⁸.HOR¹⁹. Poeta. §QUINT. COD. JUST²⁰. O poeta (por excelência), i. é, Homero, Virgílio. §★ PLAUT²¹. O que faz (alguma coisa), artífice, opífice.

VATES, -IS: s.m.: CIC. LIV²². VIRG²³. Adivinho. § VIRG. Oráculo, deus dando oráculos. § HOR. Agoureiro (em Roma). § OV²⁴. Ministro d'um deus. § P. NOL²⁵. Profeta, vidente. § VARR²⁶. VIRG. TAC²⁷. Poeta, vate. §f. CIC. VIRG. Profetisa, sibylla. § OV. Poetisa. § m. V. MAX²⁸. Mestre (em uma arte).

¹² Nesse caso, *letra* refere-se ao valor fonêmico dela e não a sua grafia. Os antigos por vezes distinguiam esse valor fonêmico pelo vocábulo *uox*, o que não ocorre neste caso.

¹³ SARAIVA, 2000, p. 1267.

¹⁴ SARAIVA, 2000, p. 911.

¹⁵ SARAIVA, 2000, p. 1256.

¹⁶ QUINT.: Quintiliano, retórico.

¹⁷ JUST.: Justino, historiador latino.

¹⁸ CIC.: Cícero, orador e filósofo.

¹⁹ HOR.: Horácio, poeta lírico, satírico e didático.

²⁰ COD. JUST.: Codex Iustinianus (Código Justiniano), conjunto de documentos imperiais assinados pelo imperador Justiniano.

²¹ PLAUT.: Plauto, poeta cômico.

²² LIV.: Tito Lívio, historiador.

²³ VIRG.: Virgílio, poeta bucólico, didático e épico.

²⁴ OV.: Ovídio, poeta.

²⁵ P. NOL.: Paulino Nolano, epistológrafo e poeta cristão.

²⁶ VARR.: Varrão, polígrafo.

²⁷ TAC.: Tácito, historiador.

²⁸ V. MAX.: Valério Máximo, historiador.

Embora o historiador Justino tenha assemelhado o versificador ao poeta, quando se consulta o verbo *uersificare*, percebe-se a diferença: “VERSIFICO, -AS, -AVI, -ATUM, -ARE: v. trans. APUL²⁹. Pôr em verso, compor em verso³⁰”. Versificador é aquele que compõe em verso, mas não quer dizer que seja aquilatado como poeta: ele apenas ajusta e escolhe as palavras, submetendo-as às regras dos metros. Destarte, qualquer um pode ser versificador! Basta submeter o léxico da sua língua ao esquema dos versos fixos.

Poeta, ao contrário, é o indivíduo que trabalha com os versos, moldando-os, esculpindo-os, de modo a transformá-los em mais do que uma mera imagem plástica: é uma combinação entre um todo de significantes e significados, para gerar um sentido que afete o leitor, de forma a produzir um efeito agradável, com crítica, ironia, contrastes, etc.

O vate, por sua vez, refere-se ao sujeito que cria por iluminação dos deuses, pela inspiração divina, enquanto o poeta o faz pela *transpiração*. Um exemplo de vate é o eu-poemático de Virgílio em seu épico, *Eneida*, que pede o entusiasmo criador aos deuses para que possa cantar a origem da civilização do Lácio:

Musa, mihi causas memora, quo numine laeso,

*quidue dolens regina deum tot uoluere casus
insignem pietate uirum, tot adire labores
impulerit. Tantaene animis caelestibus irae?
(Virg. En. I, 8-11)*

Ó musas, agora as causas me recorda:
a rainha dos deuses que sentiu?
Em que se lhe ofendeu a divindade
para impor ao varão piedoso e ilustre
tantos esforços e perigos tantos?
Quanta ira em espíritos celestes!³¹

O estudo prossegue com uma pequena citação de como Terenciano fará uso de versos consagrados ao longo de sua exposição sistemática, assim como havia anunciado na primeira quadra de versos:

²⁹ APUL.: Apuleio, filósofo, orador e escritor.

³⁰ SARAIVA, 2000, p. 1267.

³¹ THAMOS, 2011, p. 326-7.

TEXTO ORIGINAL (v. 1027 - 1029):

1027 *Dactylon haec eadem poterit totiens dare forma,
quando breuem mediam breuis aequae tertia claudet.
“nunc age”, nescio quis”, nec non et “Belgica collo”,*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

1027 Essa mesma formação sempre poderá produzir um dátilo,
quando uma terceira [sílabas], igualmente breve, fechar uma breve medial:
*nunc age*³², *nescio quis*³³, e também *Belgica collo*³⁴,

Tal é o modelo que ele seguirá no decorrer da obra: explica-se um conceito que depois é demonstrado com versos tirados de grandes poetas. Segue-se outro exemplo com versos retirados também de Virgílio:

TEXTO ORIGINAL: (v. 1030 – 1032):

1030 *Vda etiam quocumque loco, seu subdita detur,
libera seu, uerbo quasi consona curret in uno,
“arma uirumque cano”, “duris agrestibus arma”*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

1030 Também uma líquida³⁵, em qualquer posição que ocorra seja de forma dependente [de outra consoante],
seja de forma livre, em uma mesma palavra, funciona como uma consoante:
*arma uirumque cano, duris agrestibus arma*³⁶.

³² *Nunc age*: encontrado, por exemplo, em Virgílio, *Geórgica* IV, v 149. “Agora vai” Tal expressão é muitíssimo comum na literatura latina. Nesse verso, estão sublinhadas as terceiras sílabas do dátilo sobre as quais o nosso autor está se referindo.

³³ “Não sei quem” (Virgílio. *Eclogae* III, v 103). Note-se, entretanto, que *Nescio quis* é muito comum, porém, como se trata de dátilos e o autor favorito de T. Mauro é Virgílio, essa passagem é a única que ocorre no poeta mantuano.

³⁴ Virgílio. *Georgica* III, v 204, mas o verso é: *Belgica uel molli melius feret esseda collo*, “ou, com seu pescoço macio [o cavalo] levará melhor os carros belgas de combate”. T.M. aproximou, portanto, a primeira e a última palavras, que correspondem ao primeiro e ao último pés desse hexâmetro.

³⁵ Trata-se, como se sabe, sobretudo das consoantes -r- e -l-.

• CASOS PARTICULARES:

Nos versos seguintes, nosso artígrafo passa a explicar casos particulares da métrica latina, ainda tendo os versos clássicos como ponto de partida:

TEXTO ORIGINAL (v. 1117 – 1120):

1117 *Exemplo uersus unius utrumque probabis*
“ante supinatas aquiloni ostendere glaebas”,
tendere cum uerbi finem simul et pedis explet,
nil obstant pedis alterius modo consona et uda.

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

1117 Verificarás um e outro [caso] com o exemplo de um único verso:
*ante supinatas aquiloni ostendere glebas*³⁷,
como *tendere* completa ao mesmo tempo o fim da palavra e do pé,
assim, em nada atrapalham nem a consoante, nem a líquida do pé seguinte.

TEXTO ORIGINAL (v. 1141 – 1145):

1141 *uel tu ruricolae primum decurre Maronis:*
“*Liber et alma Ceres*” et “*ferte simul Dryadesque*”,
“*munera uestra cano et studium cui prima frementem*”,
“*ipse nemus*” tunc “*dique daeque*” atque “*arua tueri*”,
“*quique nouas*” et “*quique satis*” et “*teque sibi*” mox,

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

³⁶ “Canto as armas e o herói” e “as armas dos rudes camponeses” (respectivamente Virgílio. *Aeneis* I, v. 1 e Virgílio. *Georgica* I, v. 160). A líquida dos exemplos é -r-: *arma uirum*, *duris* e *agrestibus*. A ideia de dependente ou livre refere-se, provavelmente, à constituição da sílaba, ora contendo apenas -r- + vogal (como em *-rum* e *-ris*), ora integrando ou um grupo consonantal (como em *-gres-*) ou em final de sílaba (*ar-*).

³⁷ *Ante supinatas aquiloni ostendere glebas*: Virgílio, *Geórgica* II, v. 261 “expor ao Aquilão os solos revolvidos antes [que]...”.

- 1141 Ou então, folheia o primeiro [livro] do Marão camponês³⁸:
*Liber et alma Ceres*³⁹ e *ferte simul Dryadesque*⁴⁰,
*munera uestra cano et studium cui*⁴¹ *prima frementem*,
*ipse nemus*⁴² então *dique deaque*⁴³ e *arua tueri*⁴⁴,
*quique nouas*⁴⁵ e *quique satis*⁴⁶ e em seguida *teque sibi*⁴⁷,

Terenciano Mauro, ainda no item dos *Casos Particulares*, também dá mostras de como se formam alguns dos pés métricos latinos:

TEXTO ORIGINAL (v. 1063 – 1067):

- 1063 “*quisque scire cupit*” uel “*quisque scribere curat*”,
“*ante stare decet*” cum dico et separo uerbum,
“*ante Stesichorum uatem natura creauit*”,
ultima uocalis remanens finisque trochaei
excipitur geminis, quis proximus exoritur pes

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

- 1063 *quisque scire cupit*⁴⁸ ou *quisque scribere curat*⁴⁹,
quando digo *ante stare decet*⁵⁰ e separo a palavra,
*ante Stesichorum uatem natura creauit*⁵¹,
mantendo-se a última vogal também a do fim do toqueu,
é seguida das [consoantes] geminadas com que o próximo pé começa;

³⁸ Trata-se, evidentemente, do primeiro livro das *Geórgicas* de Virgílio.

³⁹ *Liber et alma Ceres*: Virgílio, *Geórgica* I, v. 7. (“Ó, Líber [Baco] e fecunda Ceres”).

⁴⁰ *Ferte simul Dryadesque* é parte do verso 11, do livro I das *Geórgicas* de Virgílio: *ferte simul Faunisque pedem Dryadesque puellae* (“Trazei vossos pés ao mesmo tempo, Faunos e jovens Driades”).

⁴¹ O texto latino empregado na tradução italiana de Chiara Cignolo, o trecho *et studium cui* aparece como *tuque*. E *munera uestra cano et studium cui prima frementem*: Virgílio, *Geórgica* I, v. 12. (“canto murmurando vossas primeiras funções e [vosso] zelo”).

⁴² *Ipse nemus*: Virgílio, *Georgica* I, v. 16. (“o próprio bosque”).

⁴³ *Dique deaque*: Virgílio, *Georgica* I, v. 21. (“os deuses e as deusas”).

⁴⁴ *Arua tueri*: Virgílio, *Georgica* I, v. 21. (“proteger os campos férteis”).

⁴⁵ *Quique nouas*: Virgílio, *Georgica* I, v.22. (“e que novas”).

⁴⁶ *Quique satis*: Virgílio, *Georgica* I, v. 23. (“e que bastante”).

⁴⁷ *Teque sibi*: Virgílio, *Georgica* I, v. 31. (“e te para si”).

⁴⁸ *Quisque scire cupit*: verso do próprio T.M. (“cada um que deseja conhecer”).

⁴⁹ *Quisque scribere curat*: verso do próprio T.M. (“cada um que cuida de escrever”).

⁵⁰ *Ante stare decet*: verso do próprio T.M. (“convém, antes, ficar de pé”).

⁵¹ *Ante Stesichorum uatem natura creauit*: verso do próprio T.M. (“antes a natureza criou o vate Estesícoro”).

TEXTO ORIGINAL (v. 1103 – 1106):

1103 *‘unde scissa coma est’ aut ‘unde spissa corona’,
‘ecce stagna madent’: triplici sic syllaba pacto
temporis accessu non tantum est reddita longa,
sed dedit et vires geminis augere trochaeum.*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

1103 *unde scissa coma est*⁵² ou *unde spissa corona*⁵³,
*ecce stagna madent*⁵⁴: dessa maneira a sílaba, num arranjo triplo,
não apenas se tornou longa com o incremento do tempo,
mas também às geminadas cedeu forças que se alongaram ao troqueu.

TEXTO ORIGINAL (v. 1107 – 1110):

1107 *Dactylus in breuibus uocales quando supremas
seruabit uerbique simul cum fine resistet,
si pedis alterius primordia consona et uda
subnectent, pes incolumis uegetusque manebit.*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

1107 Quando um dátilo nas [sílabas] breves conservar vogais finais
e terminar junto com o final da palavra,
se uma consoante e uma líquida se ligarem ao começo do pé [seguinte],
o pé permanecerá intacto e ativo.

• DIFICULDADE DE CONSTRUIR UM ESPONDEU:

⁵² *Vnde scissa coma est*: verso do próprio T.M. (“donde a folhagem foi cortada”)

⁵³ *Vnde spissa corona*: verso do próprio T.M. (“donde espessa na coroa”)

⁵⁴ *Ecce stagna madent*: verso do próprio T.M. (“eis que os charcos umedecem”)

Nesse subitem, como se constata desde o título, o autor estuda a formação dos espondeus, em especial aqueles formados a partir do que se chamou, em latim, de *trochaeus nudus* (troqueu simples), bem como as dificuldades que se possam encontrar no percurso:

TEXTO ORIGINAL (v. 1135 – 1138):

1135 *quippe ubi sola manet uerbi uocalis in imo
et breuis haec abscissa etiam comitemque requirens
nullaque consona iuncta parat dare temporis auctum,
nil iam spondeo uideas superesse relictum.*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

1135 Certamente, quando uma vogal fica sozinha no fim da palavra, e ela, apartada [ou seja, “fora desse contexto”], é breve e requer uma companheira, e nenhuma consoante [lhe é] acrescida para prover-lhe um aumento de tempo, notes que já não resta mais nada para um espondeu.

TEXTO ORIGINAL (v. 1151 - 1161) :

1151 *bis decies unumque supra, nisi fallimur, ecce
dactylon efficiet talis quem dico trochaeus,
spondeum at nullum potuit dare uersibus isdem.
Namque etiam duplex quae nobis una relictæ est,*
1155 *principium uerbi quoniam proferre Latini
non ualet et tantum uocali subdita currit,
cum Graecum inciderit nomen quo possumus uti,
si post dactylon accedat, nil tempore duplo
officiet. Gemini poterunt quod pandere uersus:*
1160 *“pontibus instratis coniunxit litora Xerxes”,
“sanguine turbatus miscebat litora Xanthus”.*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

- 1151 Mais acima, por vinte e uma vezes, se não nos enganamos,
eis que um troqueu, tal como o de que falo, comporá um dátilo,
mas ele não foi capaz de dar aos mesmos versos nenhum espondeu.
De fato, também a [consoante] dupla, aquela única que nos restou,
1155 porque não consegue alongar o início de uma palavra latina
e se precipita somente na vogal anterior,
quando aparecer uma palavra grega que podemos utilizar,
se incide após um dátilo, não atrapalhará nada
com seu tempo duplo. Dois versos poderão revelar isto:
1160 *pontibus instratis coniunxit litora Xerxes,*
*sanguine turbatus miscebat litora Xanthus*⁵⁵.

• RESUMO DOS CASOS EM QUE NÃO SE VERIFICA ALONGAMENTO

Além de retirar exemplos de cânones literários da Roma Antiga, Terenciano também cria seus modelos para exemplificar didaticamente o que acabou de dizer, realizando um trabalho de versificador: encaixando palavras, de modo mais ou menos aleatório – ao menos aparentemente – numa medida que satisfaça o metro do verso desejado:

TEXTO ORIGINAL (v. 1198 – 1200):

- 1198 *Syllaba si contra fortisque et uiuida detur,*
“unde scire potes, percussa spumat harena”⁵⁶,
reddet spondeos iusta ratione locatos.

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

- 1198 Se, ao contrário, coloca-se uma sílaba forte e vigorosa:

⁵⁵ De acordo com o banco de dados PHI 5.3, que contém a maior parte dos textos latinos que chegaram aos dias de hoje, a única fonte dos versos 1160 e 1161 é o próprio T.M. (“Xerxes uniu as praias às pontes cobertas”/“Xanto agitado pelo sangue unia as praias”).

⁵⁶ Esse verso não foi encontrado no banco de dados PHI 5.3: “de onde podes conhecer que ela espuma, uma vez batida a areia”.

unde scire potes, percussa spumat harena,
produzirá espondeus colocados pela norma justa.

TEXTO ORIGINAL (v. 1186 – 1188):

1186 *Vocalem mediam si consona suspicit una,*
dactylus incolumi constabit lege sonoque:
“ante tibi Eoae Atlantides abscondantur”.

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

1186 Se uma única consoante se depara com uma vogal média,
o dátilo manter-se-á com a norma e som intactos:
*ante tibi Eoae Atlantides abscondantur*⁵⁷.

TEXTO ORIGINAL (v. 1195 - 1197):

1195 *Dactylus efficitur: nam longa est reddita prima*
et mediam nil uda iuvat, quae subdita currit,
sic manet “unde” brevis, sic et “percussa tridenti”.

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

1195 Constitui-se um dátilo: de fato a primeira tornou-se longa
e a líquida que vem a seguir não ajuda em nada a [sílab] média,
dessa maneira *unde* permanece breve, como também *percussa tridenti*⁵⁸

● VIS VDARVM – “A FORÇA DAS LÍQUIDAS”:

Esse subitem trata da *uis udarum* ou *força (vigor, potência) das líquidas*, a saber: -l-, -m-, -n- e -r-. Seguem alguns exemplos desta ‘força’:

⁵⁷ *Ante tibi Eoae Atlantides abscondantur*: Virgílio, *Georgica* I, v. 221. (“que as orientais filhas de Atlas se escondam diante de ti”).

⁵⁸ *Percussa tridenti*: Virgílio, *Georgica* I, v. 13 (“com a batida do tridente”).

TEXTO ORIGINAL (v. 1201 - 1205):

- 1201 *Nec modo qua uerbo finem facit 'unde', putato
sic cecidisse: magis sermone notabis in uno
congruere ut cassae pariter sint consona et uda,
"et solem geminum et duplices se ostendere Thebas",*
1205 *"et duplices" mediam non possit reddere longam.*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

- 1201 Mas não é só porque *unde* compõe fim de palavra, que se pensou que
isso sucede assim: poderás perceber que, ainda mais [dentro de] uma só palavra,
que uma consoante e uma líquida são inúteis juntas, [como em:]
*et solem geminum et duplices se ostendere Thebas*⁵⁹,
1205 e que *et duplices* não possa tornar longa a [sílab]a medial.

TEXTO ORIGINAL (v. 1208 - 1213):

- Hoc est diuersa melius ratione patebit.
Vocalis mediae nam quando residet in udam,
1210 tertiaque accedens similem geminauerit udam,
spondeus plenis reddetur temporibus pes.
"attollitque animos, Poenorum qualis in aruis",
"et Tyrrhena pedum circumdat uincula plantis".*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

- Isto ficará ainda mais evidente com um raciocínio contrário.
De fato, quando a vogal de uma [sílab]a medial terminar em uma líquida,
1210 e a terceira seguinte duplicar uma mesma líquida,
produzir-se-á um pé espondeu de tempos completos:
*attollitque animos, Poenorum qualis in aruis*⁶⁰,

⁵⁹ *Et solem geminum et duplices se ostendere Thebas*: Virgílio, *Aeneis* IV, v. 470. ("e mostrar-se como duas Tebas e um sol duplicado").

*et Tyrrhena pedum circumdat uincula plantis*⁶¹.

TEXTO ORIGINAL (v. 1228 – 1232):

- 1228 *Quattuor udarum primam, quartamque uidemus
in pedibus uarias effingere posse figuras,*
1230 *uda secunda sed his et tertia dissimiles sunt,
consona nulla potest quoniam sociare secundam
sermone in nostro, sicut positum ante tenemus;*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

- 1228 Das quatro líquidas⁶², vemos que a primeira [-l-] e a quarta [-r-]
nos pés podem produzir formações diferentes,
1230 mas a segunda [-m-] e a terceira [-n-] líquidas são diferentes destas,
porque nenhuma consoante pode unir-se à segunda [líquida]
em nossa língua, como já temos demonstrado precedentemente;

TEXTO ORIGINAL (v. 1258 - 1262):

- 1258 *Si pars sermonis perstat nec fine trochaei
finitur, geminae praebebunt tempora mutae,*
1260 *quae secum iungi possunt, ut diximus ante,
siqua prior seu posterior correpta locatur
sermonis dixi, non hanc pedis esse priorem.*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

- 1258 Se uma parte da palavra continua e não acaba

⁶⁰ *Attollitque animos. Poenorum qualis in aruis*: Virgílio, *Aeneis* XII, v.4 (“e exalta os ânimos. Tal qual nos campos dos cartagineses”).

⁶¹ *Et Tyrrhena pedum circumdat uincula plantis*’: Virgílio, *Aeneis* VIII, v. 458 (“e envolve a correia tirrena a partir das plantas dos pés”).

⁶² De palavras contidas em exemplos constantes dos vv. 1222-3: *Palladia gaudet silua uiuacis oliuae, / Parrhasio dictum Panos de more Lycae*. O primeiro verso aparece no livro I das *Geórgicas* de Virgílio, v. 181, com a modificação de *gaudent* (“Minerva alegra-se com a vivaz floresta de oliveira”) e o segundo está na *Eneida*, livro VIII, v. 344 (“assim chamado pelo costume parrásio, de Pã, do Liceu”).

com o fim do troqueu, duas mudas, que podem ser conectadas,
contribuirão com seus tempos, como dissemos antes,
se alguma breve localiza-se antes ou depois dela;
como eu disse, essa [sílabas] é a primeira da palavra, não do pé.

• DESPEDIDA:

Os versos agrupados na última parte do texto do cópulus desta monografia (v. 1282 – 1299) têm a função de remate do *De syllabis*.

Nosso autor dirige as últimas palavras daquela seção àqueles que, por ventura, viessem a pensar que o trabalho por ele feito poderia não ter sido de grande valia para a métrica latina:

TEXTO ORIGINAL (v. 1285 - 1289):

1285 *Deses et impatiens nimis haec obscura putabit:
pro captu lectoris habent sua fata libelli.
Sed me iudicii non paenitet: haec bene uobis
commisi, quibus est amor et prudentia iuxta,
et labor in studiis semper celebratus inhaeret.*

TRADUÇÃO DE ESTUDO:

1285 Um preguiçoso e impaciente pensará que isso é muito obscuro:
os livros têm seus destinos pela capacidade do leitor.
Mas não me preocupo com a opinião [alheia]: reuni bem tais [informações]
para vós, que tendes amor [ao conhecimento] bem como bom senso
e que sabeis que o esforço é sempre inerente aos estudos.

V. Conclusões:

O trabalho de um escritor que se dispõe a esquematizar as diferentes formas de composição métrica apresenta-se como obra valiosíssima àqueles que têm por desejo compreender as entrelinhas de um enunciado, fazendo-o expressar mais que somente seu estrato semântico, seu conteúdo.

Hjelmslev assim definiu a relação complementar entre plano da expressão e plano do conteúdo em seu livro *Prolegômenos*, citado por Alceu Dias Lima em seu artigo “Denotação e Conotação”:

“conteúdo e expressão são solidários, pressupõem-se necessariamente. Uma expressão só é expressão por ser expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo por ser conteúdo de uma expressão. Portanto – a não ser que se opere um isolamento artificial – não pode haver conteúdo sem expressão, ou conteúdo deficiente quanto à expressão, nem tampouco pode haver expressão sem conteúdo ou expressão deficiente quanto ao conteúdo⁶³”.

Nosso autor optou por trabalhar seu conteúdo (conceitos e noções métricas) por meio do verso, forma incomum para um manual de métrica. Essa escolha para a composição de seu trabalho talvez se deva ao próprio demérito que Terenciano Mauro apresenta em relação ao gênero *manual técnico* no *Praefatio*, ao introduzir e justificar seu livro – obra de caráter diferente do que ele diz ter escrito anteriormente, mas a que não temos nenhum acesso nos dias de hoje.

O tratado de Terenciano Mauro agrupa-se com o de outros autores, como Césio Basso e Mário Vitorino, a fim de erigir um conjunto que permita discernir um modelo métrico de composição literária em língua latina, com base nos cânones daquela cultura.

Nosso autor, em particular, constrói seu trabalho com a especificidade de fazê-lo concomitantemente ao trabalho de elaboração poética: não se limita a explicar e exemplificar o valor dos metros nas composições latinas, uma vez que ele mesmo exerce o papel de versificador, na medida em que, dentro do seu próprio texto, ele parece demonstrar a importância da métrica.

A relevância de empreender um trabalho de tradução sobre um manual métrico datado do século II d.C., escrito em língua latina, em pleno século XXI, é trazer à luz recursos de análise textual que se somem a outros já traduzidos, de modo que permitam ao latinista ou ao curioso da Literatura, desvendar os segredos da composição de escritores do Mundo Antigo.

⁶³ HJELMSLEV *apud* LIMA, 1992, p.90-1.

VI. Referências:

ANDRADE, C. D. **A rosa do povo**. 41 ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2008.

CART, A. e outros. **Gramática latina**. Trad. Maria Evangelina V. N. Soeiro. São Paulo: TAQ/EDUSP, 1986.

CIGNOLO, C. **Terentiani Mauri de litteris, de syllabis, de metris**. A cura de Chiara Cignolo. Hildesheim/Zürich/New York: Georg Olms Verlag, 2002.

CRUSIUS, F. **Iniciación en la métrica latina**. Barcelona: Casa Editorial Bosch, 1951.

HORÁCIO. **Arte Poética**. Introdução, Tradução e Comentário de R. M Rosado Fernandes. Lisboa: Editorial Inquérito, 1984.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KEIL, H. (KEILII, H). **Grammatici Latini: Scriptores Artis Metricae**. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1961, v. 6.

LAVARENNE, M. **Initiation a la métrique et a la prosodie latines**. Paris: Magnard, 1948.

LIMA, A. D. “A poética da expressão: estudo do hexâmetro datílico como fator da expressividade na poesia latina”. Araraquara: artigo inédito, 1996.

LIMA, A. D. “Denotação e Conotação”. In: _____ et al. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: UNESP-FCL, 1992. p. 89-94.

LIMA, A. D. **Uma estranha língua?: questões de linguagem e de método**. São Paulo: EdUNESP, 1995.

NOUGARET, L. **Traité de métrique latine classique**. Paris: Klincksieck, 1948.

PHI 5.3. Latin Texts and Bible versions. Palisades (CA-EUA):The Packard Humanities Institute, 1991(CD-ROM com compilação de textos latinos).

PAZ, O. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PRADO, J.B.T. **Canto e encanto, o charme da poesia latina: contribuição para uma Poética da Expressividade em língua latina**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

SARAIVA, F. R. **Novissimo diccionario latino-portuguez**. 11. ed., Rio de Janeiro, Garnier, 2000.

THAMOS, M. **As armas e o varão**. Leitura e tradução do canto I da Eneida. São Paulo: EdUSP, 2011.

TORRINHA. **Dicionário português latino**. Porto: Gráficos Reunidos, 1939.